

COLEÇÃO
ESTADO de SÍTIO



**DEVISON FAUSTINO
WALTER LIPPOLD**

**COLONIALISMO
DIGITAL**

**POR UMA CRÍTICA
HACKER-FANONIANA**



SUMÁRIO

Nota a esta edição.....	11
Colonialismo digital, imperialismo e a doutrina neoliberal	15
<i>Sérgio Amadeu da Silveira</i>	
Introdução	21
PARTE I. O DILEMA DAS REDES E A ATUALIDADE DO COLONIALISMO.....	29
1. O mito <i>deus ex machina</i> revisitado: quem coloniza quem?.....	31
2. Alguns riscos desse percurso	43
3. Capitalismo, colonialismo e racismo: o paradoxo lockeano e o universalismo diferencialista	51
4. O imperialismo: um velho conhecido nas colônias	59
5. O neocolonialismo e o neocolonialismo tardio: o celeiro do colonialismo digital	63
PARTE II. COLONIALISMO DIGITAL, ACUMULAÇÃO PRIMITIVA DE DADOS E A PSICOPOLÍTICA.....	69
6. A fabrilização da cidade e as bases extrativistas do colonialismo digital	71
7. A acumulação primitiva de dados e a “nova” tokenização do “velho” valor.....	91
Levantando a questão.....	97

A resposta da escola da economia do conhecimento	101
O assim chamado “tempo real” e a materialidade tangível do imaterial.....	106
O valor do intangível: não existe software sem hardware	111
A economia dos dados	123
8. <i>Low life, high-tech</i> , necropolítica e ciberguerra	127
9. Racismo algorítmico ou racialização digital?	147
10. A hiperconectividade psicopolítica e a deficiência de conexão: “cada qual na sua solidão”	153
 PARTE III. A DESCOLONIZAÇÃO DOS HORIZONTES TECNOLÓGICOS	
11. O fardo do nerd branco e a ideologia californiana: da utopia à distopia.....	169
12. Internet e redes sociais.....	175
13. Por uma interface fanoniana-hacktivista	183
Referências bibliográficas	197

NOTA A ESTA EDIÇÃO

A reedição de um livro tão recente pode gerar espanto, mas a decisão de relançá-lo se explica, em primeiro lugar, pela possibilidade de um trabalho editorial mais criterioso; em segundo lugar, pela chance de maior circulação da obra; e, em terceiro, pela oportunidade de revisitar o texto um ano após sua concepção. Este último aspecto seria irrelevante, não se tratasse de um livro sobre as influências das tecnologias digitais para a dinâmica da luta de classes e o racismo.

O surgimento das versões do ChatGPT, o boom da inteligência artificial em detrimento do metaverso, o colapso de grandes bancos e a demissão em massa provocada pela crise econômica no setor tecnológico após o fim da pandemia de coronavírus nos dão a impressão de que o mundo de 2021 – momento de escrita deste livro – não existe mais. Em paralelo, a publicação e a circulação de outros estudos sobre o tema enriqueceram o debate público e nos permitiram revisitar argumentos e dialogar com perspectivas distintas. Foi decisivo à revisão do material o contato com publicações que ainda não havíamos acessado, como *O valor da informação*¹; *O mundo do avesso*²; a coletânea *Colonialismo de dados*³; e *Direito e tecnologia em perspectiva amefricana*⁴.

¹ Marcos Dantas et al., *O valor da informação: de como o capital se apropria do trabalho social na era do espetáculo e da internet* (São Paulo, Boitempo, 2022).

² Leticia Cesarino, *O mundo do avesso: verdade e política na era digital* (São Paulo, Ubu, 2022).

³ João Francisco Cassino, Joyce Souza e Sérgio Amadeu da Silveira (orgs.), *Colonialismo de dados: como opera a trincheira algorítmica na guerra neoliberal* (São Paulo, Autonomia Literária, 2021).

⁴ Bianca Kremer Nogueira Corrêa, *Direito e tecnologia em perspectiva amefricana: autonomia, algoritmos e vieses raciais* (tese de doutorado, Rio de Janeiro, PUC-Rio, 2021).

Se *Colonialismo digital: por uma crítica hacker-fanoniana* surgiu na encruzilhada de ciências humanas, tecnologia, luta anticapitalista e antirracista durante os tempos terríveis de pandemia, bolsonarismo, negacionismo, *fake news* e militância anticiência, seguimos Conceição Evaristo, que afirmou que “a gente combinamos de não morrer”, e a escrita, mais que nunca, se apresentou a nós como ferramenta para isso.

Este livro nasceu da convicção de que a introdução das tecnologias digitais altera profunda e irreversivelmente a dinâmica da luta de classes e das opressões, por exemplo, de raça e gênero. Por isso, entrevistamos, dialogamos e/ou submetemos o manuscrito a especialistas da área tecnológica, a pesquisadores, cientistas, hackers e militantes. Debatesmos conceitos, dúvidas e tantas outras ideias dentro do espírito do conhecimento livre.

Relendo tudo um ano depois, compreendemos que as contradições apontadas no texto se agudizaram. A velocidade dos acontecimentos, como o avanço brutal da mineração de dados e biodados, a crise das big techs e suas demissões em massa e as eleições no Brasil intensificaram o problema; ainda assim, em nosso entender, as bases teóricas, as teses lançadas e os conceitos traduzidos para compreender o fenômeno do colonialismo digital continuam válidos.

A extração de ouro ilegal de terras indígenas e as cenas do genocídio ianomâmi, suas ligações com o colonialismo digital e o tecnofascismo brasileiro e o bolsonarismo reforçaram que capitalismo, colonialismo e racismo não se dissociam, como nos ensinou Frantz Fanon. Os softwares necessitam do hardware, que é produzido com matérias-primas como o ouro indígena brasileiro, a columbita e a tantalita (coltan) congolêsas e o lítio boliviano.

Hoje temos acesso a tecnologias como o processamento de linguagem natural (NPL) e o aprendizado profundo (*deep learning*) através de redes neurais artificiais. O potencial dessas ferramentas é impressionante, mas poucos sabem que as “milagrosas” IAs são parametrizadas por *clickworkers* plataformizados e precarizados que, além de tudo, roubam expertise e imagens de artistas. É a velha apropriação privada do conhecimento socialmente produzido – a exploração do intelecto geral, citada por Marx nos *Grundrisse*.

A sofisticação da exploração e da opressão ofereceram novas possibilidades de atuação política contra-hegemônicas, mas cada vez mais os movimentos sociais compreendem a importância da tecnopolítica e da descolonização da tecnologia. Estivemos com o núcleo de tecnologia do MTST debatendo colonialismo digital e conhecemos seu trabalho. É preciso apoiar a criação e

o fortalecimento de laboratórios de periferia, perilabs, clubes hacker, clubes de ciência populares, mobilizações pelo breque dos entregadores uberizados. É preciso combater a desinformação com letramento crítico, lutar contra o avanço da “pedagogia” corporativa nos espaços de educação pública com as pedagogias hacker e griot.

Assistimos a uma pequena e ignorada, mas significativa, mobilização em torno da soberania digital, da regulação das big techs e em defesa do cooperativismo de plataforma. A descolonização da tecnologia passa pela compreensão, pela ação e pelo controle dos meios tecnológicos por parte dos trabalhadores da periferia do capitalismo, a massa de carne e osso que sustenta com sua força de trabalho o reificado mundo dos bits, em plataformas controladas por necrocorporações que pouco se importam se o precariado vive ou morre... Como dizia Fanon sobre a vida no bairro colonizado, “lá morre-se não se sabe onde, não se sabe de quê”.

É um mundo ainda mais sem intervalos que um ano atrás, quando quem podia ficar em casa para se proteger da pandemia via o sonho de trabalhar em *home office* se transformar no pesadelo de morar no trabalho. As conclusões pessimistas e as otimistas seguem as mesmas diretrizes: a saída para supressumir a contradição *low life, high-tech* do atual estágio de produção capitalista e racialização digital, a chance de descolonização tecnológica, é a criação ou o fortalecimento de novas formas de luta e organização. Restamos concordar com Racionais MC's: “Nossos motivos para lutar ainda são os mesmos...”.

Deivison Faustino e Walter Lippold